

Veze e voz às crianças!



Produções de crianças da EMEI Sambalelé, Marília – SP.

EDITORIAL

PÃO, EDUCAÇÃO E IGUALDADE!

Por *Adriana Pastorello Buim Arena*

Companheira e companheiro da luta por um mundo mais justo!

Lutar pela transformação da vida de crianças pobres, sem condições de alcançar o mínimo necessário para uma vida digna, é nossa missão. Todos os integrantes do NAHum vêm de família pobre e somente puderam estudar porque frequentaram a escola pública.

Ela não foi de altíssima qualidade. Tivemos que completar conhecimentos em outros grupos e espaços que frequentávamos. O esforço foi grande. Por isso, nos reconhecemos em cada criança pobre, porque somos da mesma classe social. Sabemos o que falta para elas e como vivem.

Não basta ensinar conteúdos estipulados por um currículo idealizado por pessoas que deliberadamente determinam o que o povo precisa saber. É preciso construir a escola do povo e nela recriar também nossa cultura!

As atividades pedagógicas que são praticadas em sala de aula podem ser emancipadoras, não apenas do pensamento, mas das condições subumanas em que vive uma grande parte da população brasileira. Engana-se quem acha que ensinar a ler e a escrever não tem nada a ver com a luta contra a hostilidade e o ódio despejados contra pobres, negros e povos originários. É

urgente que essa situação seja revertida. É preciso engajamento de nossa parte. E conquistar a cidadania é um passo nessa luta desigual.

Um cidadão precisa conhecer seus direitos e saber usar dispositivos digitais que organizam a vida em sociedade. Cadastrar-se no Bolsa Família, no Seguro Desemprego, no Conect-SUS, ter a Carteira Digital de Trânsito, o Detran no celular, utilizar Apps de bancos, para tudo isso é preciso ter conhecimentos, mas, sem os dispositivos específicos, eles não são possíveis de serem aprendidos. A pobreza os impede de tê-los. No dia a dia de pessoas pobres, as preocupações são bem outras: o que vão comer, como pagarão a conta de luz e de água, como vão substituir o botijão de gás vazio.

O cartaz com o A de abelha não faz parte da sociedade do século XXI. Nas seções que seguem, Sônia de Oliveira Santos vai mostrar como usar dispositivos digitais nas escolas públicas por crianças pobres que não têm oportunidade de usá-los em casa. Essa lição é de vida! São os primeiros passos para a formação de um cidadão.

Essa é nossa tarefa! Não podemos fugir dela! Já dizia Sócrates: “A vida sem exame é indigna do homem”. Sempre é tempo de reflexão. Junte-se ao NAHum, faça o seu exame!

DE PROFESSOR PARA PROFESSOR

O USO DO COMPUTADOR NAS AULAS DE ALFABETIZAÇÃO AJUDA OU ATRAPALHA?

Por Sônia de Oliveira Santos

No atual contexto da educação, a tecnologia tem se mostrado uma ferramenta poderosa para aprimorar o processo de ensino e de aprendizagem da linguagem escrita. Com o rápido avanço da tecnologia, surgem diversas oportunidades para a inovação das práticas pedagógicas, especialmente no âmbito da alfabetização. Contudo, mesmo diante dos inúmeros dispositivos digitais, plataformas, documentos on-line e outros instrumentos tecnológicos, existem recusas por parte de professores em utilizá-los nas aulas para ensino da escrita. A justificativa é sempre a mesma, a de que as crianças não irão aprender a escrever se não utilizarem o lápis e o papel.

Os gestos tradicionais realizados para inscrição da escrita no suporte papel foram considerados por muito tempo como pré-requisitos para a alfabetização. Apesar dos avanços no campo da alfabetização, ainda em 2023 é possível encontrar em salas de aula, principalmente na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, tarefas mecânicas, cujo objetivo é desenvolver a coordenação motora fina, vista por muitos professores como necessária para que a criança aprenda a escrever. Essa situação não leva em consideração a ideia de que o gesto é necessário porque possibilita a inscrição da linguagem escrita sobre os suportes, ou seja, seu objetivo é a produção de sentidos e não o desenvolvimento de habilidades motoras. Concebido desse modo, o gesto “[...] não se singulariza, nem se padroniza, porque se pluraliza e se adapta ao tipo de enunciados inscritos em um suporte, aos instrumentos, e à situação espacial onde se encontram o aparelho digital, o enunciador e o seu Outro, constituintes do processo discursivo”. (Arena; Arena, 2016, p. 248).

Apesar de considerar importante a aprendizagem dos gestos para inscrição da escrita em determinado suporte, não é minha intenção supervalorizá-los em detrimento da apropriação da linguagem escrita como um instrumento cultural; entretanto, vale

a pena destacar que os gestos emergentes derivados do uso dos dispositivos digitais são praticados pelas crianças antes mesmo de seu ingresso no ambiente escolar. Por isso a justificativa utilizada por professores e outros profissionais não se sustenta, uma vez que as crianças lidam com esses instrumentos digitais na vida. Diante disso, faz-se necessário repensar algumas concepções adotadas na escola, porque a linguagem escrita está em constante transformação, e os instrumentos utilizados também.

Os gestos culturalmente criados pelo homem na relação com a linguagem escrita se alteram em decorrência do gênero e do suporte em que ela circula. Por esse motivo, é preciso desmistificar a ideia de que a criança somente aprende a escrever utilizando o suporte papel. Em relação a essas mudanças, Chartier (2014, p. 32) destaca que “Ao romper o antigo laço entre os textos e os objetos, entre cada discurso e sua materialidade própria, a revolução digital obriga a uma radical revisão dos gestos e das noções que associamos à escrita.”

Tanto os movimentos dos dedos para a composição do traçado cursivo, quanto o toque das pontas dos dedos sobre os teclados não consistem senão em atos culturais criados pelo homem em suas relações com as criações tecnológicas, e, por essa razão, permanecem como atos que representam uma época e seus instrumentos, ou como atos predominantes em determinadas esferas da vida social (Arena, 2015, p. 58).

Os gestos necessários para inscrição da escrita sobre o suporte são atos culturais humanos. Apesar de o ato ser único, ele incorpora os atos sociais, não pertencendo, portanto, apenas ao sujeito. Segundo Geraldi (2011, p. 20), o sujeito “[...] ao mesmo tempo em que repete atos e gestos, constrói novos atos e gestos, num movimento histórico no qual repetição e criação andam sempre juntas.”

Os gestos e os instrumentos utilizados na inscrição da linguagem escrita não têm primazia sobre

a construção do discurso, mas contribuem para essa construção e se adaptam aos diferentes contextos; não há, portanto, um único gesto, mas muitos gestos que precisam ser considerados no processo de ensino da escrita.

Quando a criança tem à disposição diferentes suportes, tem ampliada a sua visão da linguagem escrita, porque compreende que a inscrição dos enunciados não se limita a um único gesto e que o ato de escrever não se limita ao gesto tradicional com o papel. Com a mudança ocasionada pela tecnologia, não somente foram alterados os suportes e os gestos: “A metamorfose é radical. O tempo, o espaço e os homens não são mais os mesmos.” (Souchier, 2015, p. 218). Se não somos os mesmos, por que ainda insistimos em limitar a inscrição da escrita a um único gesto?

Em muitas escolas brasileiras, encontramos o suporte digital, no entanto, ele exerce a função de lousa, porque a criança copia os textos indicados pela professora da tela para o papel. Nessa situação, os gestos tradicionais dos dedos ao redor do lápis se sobressaem em relação aos gestos emergentes necessários para inscrição dos enunciados nos dispositivos digitais. A velha cópia apenas sai da tela-lousa para ocupar os lugares de tela-monitor. Ao utilizar os instrumentos tecnológicos no ensino da linguagem escrita, a criança compreende que o ato de escrever não está circunscrito aos movimentos dos dedos.

O uso do computador nas aulas de alfabetização ajuda ou atrapalha? Ajuda muito, porque o uso dos dispositivos digitais no processo de apropriação da linguagem escrita promove o desenvolvimento de funções psíquicas, uma vez que impulsiona o desenvolvimento das crianças e amplia o leque de vias para apropriação da linguagem escrita. Ao apropriar-se da cultura e aprender a utilizar os instrumentos já construídos por outros homens, o sujeito tem a possibilidade de objetivar esses conhecimentos e, desse modo, são criadas novas necessidades, que, na atividade humana, darão origem a novos instrumentos e a novos processos cognitivos.

Os resultados das atividades humanas se materializam nos objetos e nos instrumentos criados pelo homem na relação com a vida. O uso dos dispositivos digitais abala antigas concepções sobre o

ensino da linguagem escrita, porque exige gestos distintos dos realizados no suporte papel e, além disso, a atividade do pensamento tem primazia sobre as questões técnicas da língua.

Referência:

ARENA, Dagoberto Buim; ARENA, Adriana Pastorello Buim. Gestos e alfabetização na era dos aparelhos digitais móveis: um enfrentamento inadiável. In: CORRÊA, C. H. A; CAVALCANTE, L. I. P; BISSOLI, M. F. (Orgs.). *Formação de professores em perspectiva*. 1. ed. Manaus: Editora da Universidade Federal de Manaus, 2016, v.1, p. 239-264.

ARENA, Dagoberto Buim. Intervalo em branco como signo no processo de apropriação da escrita. *Revista brasileira de estudos pedagógicos*. (online), Brasília, v. 96, n. 242, p. 42-60, jan./abr. 2015. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2176-66812015000100042&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em 16 jun. 2017.

CHARTIER, Roger. Ler a leitura. In: MORTATTI, M. R. L; FRADE, I. C. A. S. (Orgs.). *História do ensino de leitura e escrita: métodos e material didático*. São Paulo: Editora UNESP, 2014, p. 21-42.

GERALDI, João Wanderley; CITELLI, B. Da redação à produção de textos. In: GERALDI, J.W; CITELLI, B. *Aprender e ensinar como textos de alunos*. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

SOUCHIER, Emmanuël. Da “lettrure” à tela: ler e escrever sob olhar das mídias informatizadas. Tradução: Dagoberto B. A ; Adriana P. B. A. *Ensino Em Re-vista*, v. 22, n.1, p. 211-229, jan./jun. 2015. Disponível em: < <http://www.seer.ufu.br/index.php/emrevista/article/viewFile/30722/16782>>. Acesso em : 14 jan. 2016

EU FAÇO ASSIM

CRIAÇÃO DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NA ALFABETIZAÇÃO

Por Sônia de Oliveira Santos

O gênero história em quadrinhos é muito conhecido e lido pelas crianças tanto na escola quanto fora dela. Considerado um produto de raízes populares, sua origem está intimamente ligada ao início da civilização. As marcas deixadas nas cavernas pré-históricas eram feitas com desenhos sequenciais para narrar acontecimentos. No Brasil, as histórias em quadrinhos receberam o nome gibi, que significava moleque (Bibe-Luyten, 1985).

As histórias em quadrinhos possibilitam a relação da criança com uma linguagem híbrida, uma vez que empregam palavras em discurso direto, legendas, onomatopeias e imagens em sequência narrativa. Apesar da imensa popularidade vivida pelas histórias em quadrinhos, houve um período histórico em que passou a ser estigmatizada e sua leitura na escola era considerada na época como algo nocivo. Essa visão permaneceu por muito tempo no ambiente escolar, e ainda não se pode afirmar que tenha deixado de existir (Vergueiro, 2006).

A sua popularidade se dá pelo fato de que elas “[...] vão ao encontro das necessidades do ser humano, na medida em que utilizam fartamente um elemento de comunicação que esteve presente na história desde o primórdio: a imagem gráfica.” (Vergueiro, 2006, p. 8).

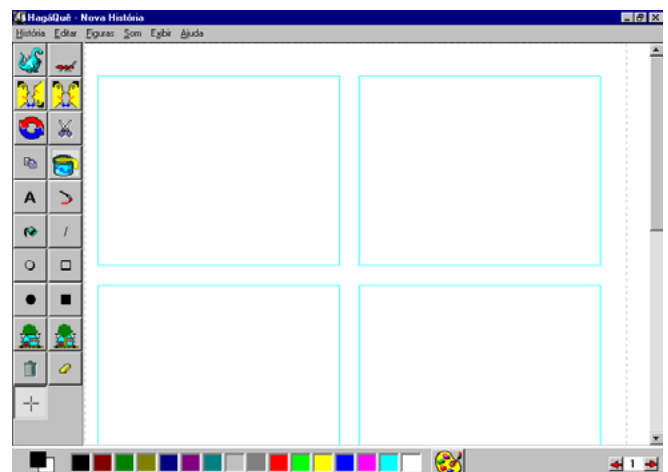
Eu a considero como material riquíssimo para trabalhar com as crianças no início do processo de alfabetização, em atividades que envolvam leitura e escrita. Nesta seção, relato o processo de criação de quadrinhos por crianças pequenas.

Apesar de não existir um passo a passo para o trabalho com a escrita, organizei o processo de construção do seguinte modo: Leitura de algumas histórias da turma da Mônica; diálogos com as crianças sobre a construção do gênero e a utilização dos balões, dos cenários, das onomatopeias e de outros recursos. Após a leitura, apresentei o

programa *HagáQuê*. As crianças exploraram no computador as ferramentas presentes nesse programa.

O *HagáQuê* é um editor de histórias em quadrinhos, desenvolvido por Bim (2001), que possibilita às crianças criarem suas próprias histórias, aprendendo, assim, a inserir textos, personagens, cenários, balões e onomatopeias. Elas têm a opção de inserir imagens cedidas pelo programa ou captadas da internet. Há a opção de inserir som e de gravar voz do usuário.

Tela inicial do Software *HagáQuê*



Fonte: (BIM, 2001, p. 37)

Após a exploração das ferramentas do *HagáQuê*, planejei com as crianças a construção de uma história. Inicialmente, li histórias diferentes para cada criança, retiradas dos gibis “Turma da Mônica”, de Maurício de Souza.

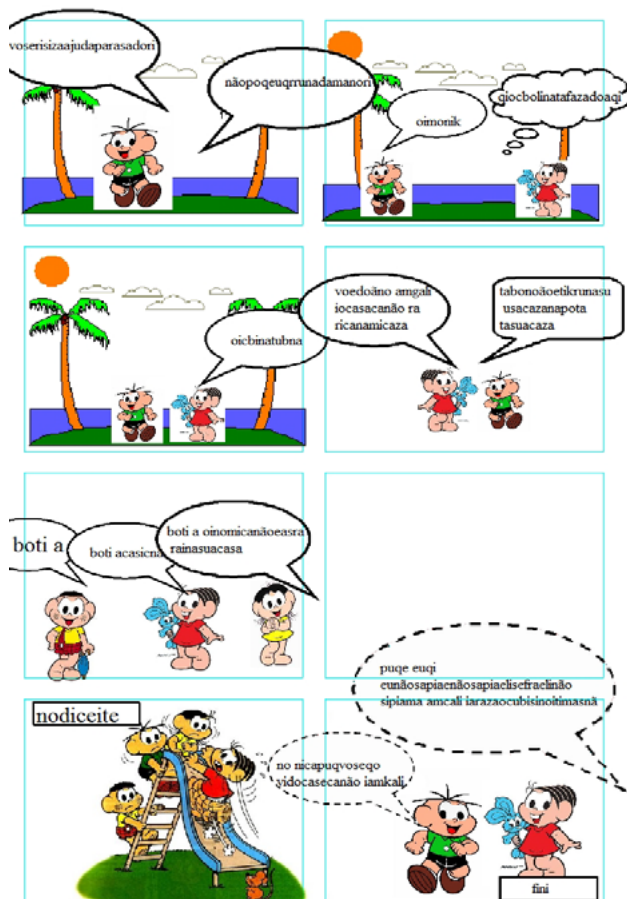
Após a leitura, dialoguei com elas a respeito da estrutura do gênero e da quantidade de quadrinhos. A proposta era que criassem uma nova história com a mesma quantidade de quadrinhos, com os mesmos personagens da história lida.

As características dos personagens conferem sentido à história, por isso, abordamos as características de alguns deles, e as crianças compartilharam impressões e dados de personagens

que conheciam. Em seguida, construímos oralmente o roteiro da história. Esse roteiro foi gravado e posteriormente consultado durante a escrita da história.

A história a seguir foi construída por uma criança do 1º ano do Ensino fundamental durante minha pesquisa de mestrado concluída em 2013.

Construção inicial da história

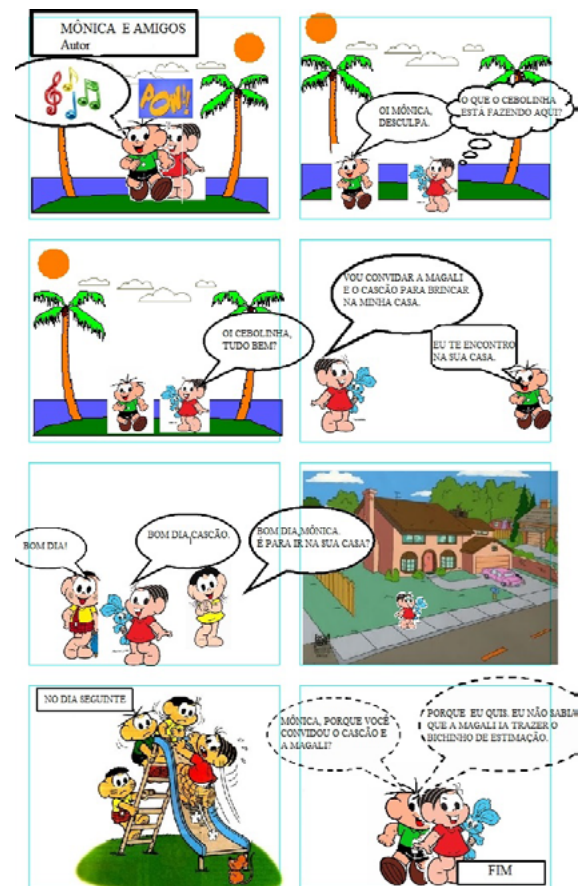


Fonte: Arquivo da autora

Ao criar histórias em quadrinhos, as crianças desenvolvem habilidades narrativas, porque aprendem a estruturar o enredo, a construir e a caracterizar personagens, a criar diálogos e a definir uma sequência de eventos. Estas práticas contribuem para a apropriação da linguagem escrita e das características do gênero HQ. Durante a criação das histórias, as crianças fizeram suas escolhas sempre orientadas pelo Outro, seus amigos e familiares. Eles se tornaram os virtuais leitores das histórias criadas por elas.

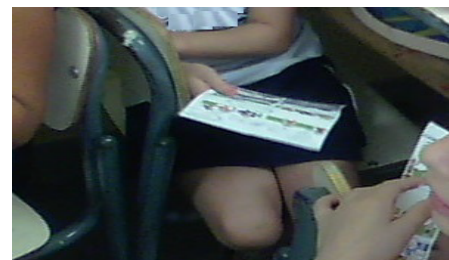
Após finalizada, a história foi impressa e lida pelos colegas da sala à qual pertencia a criança e pelos familiares.

História finalizada



Fonte: Arquivo da autora

Crianças lendo as *Hagáquéis*



Fonte: Arquivo da autora

Referências:

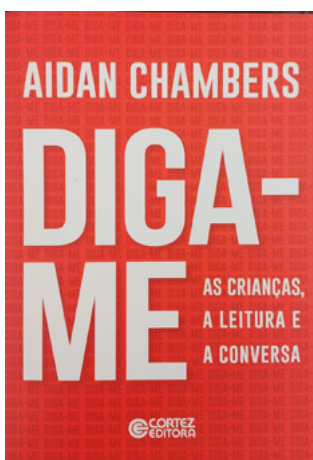
BIBE-LUYTEN, S. M. *O que é história em quadrinhos*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

BIM, S. A. *Hagáquê editor de história em quadrinhos*. 2001. 69f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Computação)- Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

VERGUEIRO, W. A linguagem dos quadrinhos: uma alfabetização necessária. In: RAMA, A.; VERGUEIRO, W. (Org.). *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*. 3. ed. São Paulo: contexto, 2006. p. 31-64.

LEITURA NA RODA

Não basta ter o livro de literatura em mãos. É preciso saber o que fazer com ele. Algumas de nossas práticas escolares didatizam a literatura e, por esse motivo, fracassamos em ampliar a comunidade leitora. Isso pode melhorar! Temos um outro caminho possível. Acaba de ser lançada, pela editora Cortez (2023), a tradução do livro de Aidan Chambers, *Diga-me: as crianças, a leitura e a conversa*.



Esse livro nos ensina que uma pessoa se torna leitora quando tem, em um mesmo espaço e tempo, livros, pessoas e conversas sobre esses livros. A metodologia indicada nessa obra é de uma simplicidade deslumbrante.

Nós já usamos o enfoque *Diga-me*, deu muito certo!!! Use você também para proporcionar aos pequenos momentos de educação literária.

E QUE TAL COMEÇARMOS A RODA COM...



Sagatrissuinorana de João Luiz Guimarães e de Nelson Cruz. Um conto dos três porquinhos à moda Roseana. Difícil? Talvez, mas podem ser criados momentos de deliciosas aprendizagens e compreensão do uso e abuso de palavras vivas, que são as nossas e não as de dicionário!

Você acha que não consegue fazer intertextualidades? Sem problemas! A arte é uma obra aberta! Mergulhe de cabeça.

Sagatrissuinorana – um nome composto por saga + trissuino (três porcos) + sagarana. Só pelo título vale a pena ler!

DIÁLOGO COM LEITORES

Olá, eu sou Raquel Pereira Soares, professora do curso de Pedagogia da UFG - Câmpus Goiás. Neste semestre estou ministrando a disciplina de “Alfabetização e Letramento” e queria muito que os estudantes tivessem a oportunidade de conhecer um trabalho de alfabetização que não fosse ligado às práticas baseadas nos princípios dos métodos fônico e do silábico.

Ao planejar minhas aulas, tinha um grande desejo: conciliar as leituras teóricas com as práticas de alfabetização. Eu não queria somente fazer as críticas aos métodos tradicionais sem apresentar aos discentes uma outra possibilidade de trabalho alfabetizador, por isso recorri aos boletins do NAHum. Didaticamente, optei por ler duas seções do boletim: De professor para professor e Eu faço assim!, porque estas seções, além de trazerem uma reflexão teórica, apresentam, logo em seguida, práticas de professores reais, com crianças reais e que estão em sala de aula mergulhados no processo de alfabetização.

O resultado dessa opção tem sido maravilhoso e surpreendente. Os estudantes estão percebendo que podem fazer um trabalho diferente com as crianças e que não precisam alfabetizar como foram ensinados. Além disso, conseguem compreender que as atividades propostas pelos métodos tradicionais não consideram as crianças como sujeitos capazes de aprender. Acredito que o primeiro passo está sendo trilhado. Desejo que esses futuros professores consigam realizar um trabalho de alfabetização humanizadora, e que essas vivências com o boletim lhes possibilitem ensinar uma linguagem escrita viva e real, sem artificios!

Obrigada NAHum por compartilhar e difundir conosco uma alfabetização em que as crianças têm voz e vez, são protagonistas desse processo fundamental em suas vidas. Se depender de mim, por aqui na UFG-Câmpus Goiás, as leituras dos boletins estão garantidas! Um abraço e força na luta! “Já não estamos sós!”